

# OLHAR FEMININO

Conhecida no cinema e estreante na TV, Maeve Jinkings, que encarna uma vítima de violência doméstica em 'A regra do jogo', questiona a situação da mulher dentro e fora da tela

tv

ZEAN BRAVO  
zean.bravo@oglobo.com.br

No ar há dois meses e meio, "A regra do jogo" transformou o rosto de Maeve Jinkings no retrato ficcional das mulheres que são vítimas de violência física e psicológica pelo Brasil. Estreante em novelas, a atriz brasileira de 39 anos interpreta Domingas, moradora do Morro da Macaca que sofre abusos do marido (papel de Osvaldo Mil). A temática da novela de João Emanuel Carneiro ganhou ainda mais força nos últimos dias com a revelação de que o secretário municipal de Governo e pré-candidato à prefeitura do Rio, Pedro Paulo Carvalho, agrediu sua então mulher, Alexandra Marcondes, com xingamentos e socos.

— É uma coisa paleolítica e corrente no Brasil. Esse tipo de violência acontece em todas as esferas — lamenta o autor, que já havia abordado esse tipo de violência em "A favorita" (2008), por meio da personagem de Lília Cabral, também agredida pelo marido.

## FÁBULA DO AMOR ROMÂNTICO

Para escrever a atual trama das 21h, Carneiro conta que se baseou nos relatos ouvidos, ao longo de anos, de mulheres que trabalharam em sua casa. Maeve, por sua vez, vem colecionando histórias desde a estreia de "A regra do jogo". Na semana passada, a atriz esteve no Mercado de Madureira para uma gravação do "Vídeo show". Durante a visita, ao lado de Osvaldo Mil, entrou em contato com mais mulheres que sofreram agressões como sua personagem:

— Domingas provoca reações de indignação e ternura ao mesmo tempo. Parte dos telespectadores cobrou de

Maeve uma reação. E houve até quem dissesse que a personagem merecia mesmo apanhar por não denunciar o marido. Mas um relato causou um impacto especial na atriz:

— Conheci uma mulher incrível que suportou uma relação abusiva por 27 anos, e sempre foi o esteio da família. Daí alguém disse: "se fica na relação, merece apanhar". E na própria delegacia da mulher, antes de se separar, ela foi tratada dessa maneira. É tão pobre e simplista essa forma de pensar, e infelizmente já ouvi até de pessoas que admiro. A sociedade não parece preparada para compreender essa mulher, e eu mesma, mulher e feminista, tinha dificuldade de entendê-la, até viver Domingas — conta a atriz, que pegou o e-mail da mulher de Madureira para seguir conversando sobre o assunto.

Como muitas mulheres de carne e osso, a personagem da novela ainda não denunciou os abusos por achar que deve aceitar tudo em nome do casamento. Nos próximos capítulos, porém, Domingas vai virar o jogo e se separar do marido após conhecer um homem desmemoriado (Carmo Dalla Vecchia). Com ele, viverá uma nova vida.

— A gente cresce, de uma maneira geral, sendo bombardeada por histórias de princesas, é criada para acreditar na fábula do amor romântico, que supera tudo.

Para ela, Domingas é fruto de uma sociedade machista e de uma parcela de pessoas que enxerga a mulher como propriedade do homem. A atriz diz ter aprendido muito com a chance de fazer uma mulher fragilizada na novela.

— De algum modo, minha busca por in-

“

Mulheres tendem a aparecer nos filmes com pouca roupa, homens tendem a pegar papéis com mais diálogos. Em resumo, elas são mais vistas e eles mais escutados. Isso é um reflexo da sociedade”

Maeve Jinkings

terpretar mulheres fortes me impedia de compreender a situação de fragilidade que muitas são levadas a viver. É como se, na minha própria luta por sobrevivência, terminasse por desprezar a fragilidade. Vivemos num mundo que superestima a força, com uma ideia meio torta de poder. E isso é uma insanidade. Precisei escutar muitos depoimentos, ler e estudar para ver essas mulheres de outra maneira. Elas constantemente crescem sob a sombra de um homem como ser superior, têm sua sexualidade reprimida, menos chances de trabalho, mais obrigações em casa desde a infância, menos representatividade, a voz menos ouvida. Facilmente serão submissas, é uma construção social.

Filha de uma fotojornalista com um comerciante, Maeve defende um feminismo que não coloca homens e mulheres em polos de rivalidade:

— Sempre vive a questão "fui simpática demais, sorri muito". Tive um ex-namorado que falava "você mostra muito os dentes". E ele é um cara incrível, ator, progres-

sista, meu amigo até hoje. Não estou falando de um cara caretinha. Uma vez, eu estava conversando e rindo com um amigo dele. Esse ex me olhou como se eu tivesse cometido um crime. Eu não estava dando mole, e mesmo assim senti culpa.

Nascida em Brasília, Maeve morou em Belém dos 5 aos 22 anos, e formou-se em Publicidade. Ela se mudou para São Paulo quando admitiu o desejo de ser atriz. Coursou teatro com o diretor Antunes Filho e trabalhou como produtora cultural, função em que acabou coordenando uma equipe de quatro homens.

— Sou uma pessoa afetuosa e comecei a achar que tinha que mudar minha posição. Até a voz eu engrossei por necessidade de me impor entre eles.

Conhecida do cinema, ela fez filmes como "O som ao redor" (2013) e "Amor, plástico e barulho" (2013). E tem papel importante no premiado "Boi neon", que estreia em janeiro. Será vista ainda nos filmes "Aquarius", de Kleber Mendonça Filho, como filha de Sonia Braga, e "Açúcar", de Renata Pinheiro. A atriz protagoniza cenas de sexo e nudez em "Boi neon", assim como em outras produções. E questiona a real necessidade de expor o corpo.

— Mulheres tendem a aparecer nos filmes com pouca roupa, enquanto homens tendem a pegar papéis com mais diálogos. Em resumo, elas são mais vistas e eles mais escutados. Isso é um reflexo da sociedade, ao mesmo tempo que está perpetuando uma forma de se relacionar com os gêneros. Acontece que essa subrepresentação não corresponde à realidade que vejo diariamente. Por isso busco personagens complexas e fortes. ●